

Editorial

A produção científica escrita pela Medicina Geral e Familiar Portuguesa

É regra dizer-se que “O que não está publicado não faz ciência”.

É sabido que as instituições e as pessoas têm avaliação em função da sua produção científica.

É conhecido que não abundam Revistas ou Jornais da nossa especialidade. Temos a cada vez mais exigente e reconhecida “Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar” e ... a nossa. Poderemos dizer “Post Graduate”, “Patient Care” e “Acta Médica” mas não são específicas da MGF.

É necessário a muitos médicos publicar, sobretudo aos Internos, pois precisam de fazer curriculum... E os graduados? E a necessidade de criar matéria científica e de gerar peso específico? É só para os Internos? E o que anda ser feito nas Faculdades no ensino e nas teses de Mestrado Integrado, nas Teses de Mestrado Normal e mesmo nas de Doutoramento? Que experiências educativas e seus resultados? A força que tal proporciona à especialidade e por inerência à população, deve ser mostrada.

É central a formação que originará conhecimento que se traduzirá em trabalho que deverá ser dado à estampa. E esta formação será transversal e da mesma qualidade, profundidade, dinâmica e impacto em todo o Portugal? Será essa a razão para que a maior parte do publicado em Portugal venha de uma ou duas regiões bem definidas em Portugal?

É manifesta a necessidade de serem mostrados os resultados do ensino em função das metodologias utilizadas.

É evidente que no processo de estudos os futuros especialistas em MGF devem ser expostos ao conjunto de conhecimentos que lhes permitam pensar no indivíduo doente e não só nas doenças que podem afligir mais o médico que o doente... Saber a diferença entre doença e dolência, conhecer a diferença entre consulente e utente, identificar polifarmacoterapia, lidar com a multimorbilidade, saber realizar uma consulta com sinais e sintomas de tipo somatoforme...

É fundamental que no Internato de Especialidade o médico perceba, estude, aplique, treine, reflecta e seja apoiado pelo seu orientador, pela sua unidade, pelo seu núcleo e possa apresentar e publicar.

É fulcral a necessidade de medir o resultado do trabalho realizado com e para consulentes...

É assim que esta Revista está aberta a todos com um processo editorial claro e uma vontade forte de que possa contribuir para a solidez do processo de transmissão e difusão do conhecimento médico em MGF. Não havendo concorrência com qualquer outra revista médica portuguesa, há crítica necessidade de que a qualidade geral seja incrementada.

Os âmbitos de publicação de cada revista em Portugal são bem conhecidos.

É agora necessário que os projectos sejam alimentados...

Neste número temos a felicidade de poder apresentar vários artigos em que:

Quanto à medição da Qualidade de Vida por instrumentos validados, a medição regular da qualidade de vida de estudantes universitários é importante para a melhoria das condições de permanência em estudo da população universitária e em que o sexo masculino, a satisfação com a vida social e estudantil e a preocupação com o futuro interferem com o estado de saúde dos alunos.

Quanto a “Motivação da equipa: a visão da nossa unidade”, “as influências no trabalho são multifatoriais, não se podendo minimizar os efeitos do fator humano a nível organizacional; a motivação é uma variável determinante e que permite uma melhor caracterização profissional”.

As experiências de inter-câmbio integradas no Movimento Vasco da Gama, neste caso em Espanha são sempre interessantes e neste caso “Este artigo foca a experiência das internas em dois Centros de Saúde diferentes, salientando as semelhanças e diferenças com a nossa realidade, bem como a participação em evento. Sem dúvida alguma que aconselhamos todos os colegas internos e recém-especialistas a terem uma experiência deste género, pois é muito gratificante tanto pessoal, como profissionalmente. Todos deveríamos ter um pouco de “Vasco da Gama” dentro de nós, um espírito atento, curioso, em busca de novos desafios, novos conhecimentos, novas formas de estar na vida. Deveríamos buscar “outros países”, outras formas de trabalhar, pois, desta forma, crescemos enquanto seres humanos e profissionais e, muitas vezes, damos mais valor àquilo que temos e podemos dizer com toda a segurança que “o nosso Sistema Nacional de Saúde é dos melhores da Europa.”

Quanto ao consumo de produtos naturais pelos nossos consulentes “A utilização de produtos naturais tem aumentado de popularidade mas, apesar da designação de “naturais”, estes produtos não são isentos de efeitos adversos e interações farmacológicas, apresentando especial risco nos indivíduos mais velhos e polimedicados. Identificaram-se consumos com elevada

prevalência, que podem estar na origem de interações medicamentosas e reações adversas, pela eventual necessidade de avaliação pelo médico, é relevante que o médico conheça estes hábitos dos utentes.”

Tema que na RevADSO já foi tratado e que agora de novo surge é o da capacitação, agora medido pelo lado da sua evolução ao longo do tempo, parecendo que o conhecimento do médico há já mais tempo é factor de menor redução da capacitação.

Aos leitores fica o fruto do trabalho que nos foi enviado, à equipa editorial o gozo de ter podido servir autores e público e aos revisores os agradecimentos pela sua actividade.

O Diretor da Revista,
Luiz Miguel Santiago
MD, PhD